

# Abordagem Orff-Schulwerk em Contexto de Projetos Sociais:

## Participação, Criação e Colaboração

### Sandra Hiromi de Almeida Kaetsu

The Key School - IOSFS

<https://orcid.org/0009-0004-7754-1128>

[hksandra@gmail.com](mailto:hksandra@gmail.com)

📄 Recebido em: 07/07/2025

👍 Aprovado em: 29/09/2025

👉 [dx.doi.org/10.33054/MEB1417D03](https://dx.doi.org/10.33054/MEB1417D03)

### Camila Ruiz de Paula

Instituto Baccarelli - Espaço Cultural de Artes

<https://orcid.org/0009-0000-2910-0791>

[cruizdepaula@gmail.com](mailto:cruizdepaula@gmail.com)

### Diego Lourenço Barros de Souza

Instituto Baccarelli - Colégio Porto Seguro

<https://orcid.org/0009-0004-9879-2129>

[diego.l4860@yahoo.com.br](mailto:diego.l4860@yahoo.com.br)



---

## Resumo

Este artigo busca apresentar proposições artístico-pedagógicas a partir da abordagem Orff-Schulwerk – como o estímulo à criação, à colaboração e à exploração dos textos e das sonoridades –, dentro do contexto dos projetos sociais brasileiros. Buscamos valorizar o senso de grupo e de pertencimento, promovendo a participação ativa e a criatividade artística dos alunos na construção de experiências musicais significativas. Para essa finalidade, propomos atividades em que esses elementos são vivenciados e possivelmente reverberados em diferentes realidades, tendo por centralidade o uso do texto rítmico, da percussão corporal, da instrumentação e da criação coletiva.

**Palavras-chave:** Abordagem Orff-Schulwerk. Projetos Sociais. Atividades Musicais Colaborativas.

---

## *Orff-Schulwerk within the Context of Social Projects: Participation, Creation, and Collaboration*

---

### Abstract

*This article aims to present pedagogical and artistic contributions inspired by the Orff-Schulwerk approach – such as the stimulation of creativity, collaboration, and the exploration of texts and sound materials – within the context of Brazilian social projects. It seeks to value the sense of group and belonging, promoting active participation and artistic creativity among students in the construction of meaningful musical experiences. For this purpose, we propose activities in which these elements are experienced and potentially reverberated across different contexts, with a central focus on the use of rhythmic text, body percussion, instrumentation, and collective creation*

**Keywords:** *Orff-Schulwerk Approach. Social Projects. Collaborative Music Activities.*

---

KAETSU, Sandra Hiromi de Almeida; PAULA, Camila Ruiz de; SOUZA, Diego Lourenço Barros de. Abordagem Orff-Schulwerk em Contexto de Projetos Sociais: Participação, Criação e Colaboração. Revista Música na Educação Básica, v. 14, n. 17, e1417D03, 2025.

# Introdução<sup>1</sup>

A música é uma das formas mais universais de comunicação, capaz de conectar indivíduos e fortalecer laços comunitários. No contexto educacional, a abordagem Orff-Schulwerk, desenvolvida por Carl Orff e Gunild Keetman, propõe um ensino baseado na experimentação, na improvisação e na integração entre música, movimento e palavra. Assim, este artigo tem por objetivo situar e fundamentar, à luz dos princípios da abordagem Orff-Schulwerk, possibilidades de experiências musicais em projetos sociais que priorizam a participação, a criação e a inclusão coletiva dos alunos.

Buscamos estabelecer conexões entre essa abordagem artístico-pedagógica e o contexto social brasileiro contemporâneo, no qual, diante da ausência de políticas públicas e de oportunidades sociais e econômicas, a educação musical assume um papel que vai além do aprendizado técnico ou estético, tornando-se colaboradora no desenvolvimento humano integral. Nesses espaços, ela atua tanto como prática social quanto como ação de defesa, implementação e manutenção de serviços básicos, incluindo saúde, alimentação e convivência comunitária.

Em tempos de crescente individualismo e de redução dos espaços coletivos, aprender e se relacionar por meio da música torna-se ainda mais essencial. Fundamentar-se em uma abordagem pautada na vivência compartilhada, na improvisação e na criação, na escuta ativa e na valorização das expressões culturais locais contribui para a formação de comunidades mais sensíveis, diversas e conectadas. Nelas, a experiência musical é compreendida como parte integrante da vida em comum, e não como uma ferramenta de correção, compensação ou salvação, mas como um meio de encontro, expressão e pertencimento.

---

1. Informações sobre a cronologia e personalidades ligadas à Orff-Schulwerk estão disponíveis no Editorial do Dossiê “Abordagem Orff no Brasil: territórios, musicalidades e encontros”: <http://dx.doi.org/10.33054/MEB1417D00>

## A Música como Expressão Social e Comunicativa

A música, presente em todas as culturas, sempre se constituiu como uma forma de expressão e de pertencimento social. Cada sonoridade reflete um tempo, um espaço, costumes, saberes e modos de viver, colocando-os em diálogo com as culturas de outros povos. Na abordagem Orff-Schulwerk, os elementos fundamentais da música — ritmo, melodia e harmonia — são explorados de maneira ativa, interativa e criativa, estimulando a participação dos sujeitos. Como afirmam Cunha, Carvalho, Maschat (2015, p. 59-60), “as aulas (ou sessões) desenvolvidas na abordagem Orff-Schulwerk são sempre momentos de encontro e partilha, onde se fortalecem relações humanas e, através delas, se expandem a sensibilidade musical, a criatividade e a vivência de emoções.”

Ao cantar, dançar e tocar juntos, os participantes desenvolvem habilidades comunicativas, aprendem a ouvir o outro e constroem um senso de grupo e de cooperação. Ademais, o ato de criar música coletivamente desperta a imaginação, o pensamento crítico e o respeito pela contribuição de cada um — valores fundamentais para a vida em comunidade e para uma educação humanizadora. Nesse sentido, a professora Verena Maschat destaca:

A dimensão social na Schulwerk tem uma grande importância. Cantar, dançar e tocar juntos, ouvir ou inventar música em grupo cria um clima afetivo de grande eficácia para o aprendizado. Em todas as culturas a música é uma forma de expressão comunicativa. Aprender e se relacionar em grupo cobram um sentido especial em nossos tempos, em que infelizmente há cada vez menos



atividades que fomentam a socialização do ser humano. Sem esquecer que dentro de um grupo as capacidades de cada indivíduo devem ser desenvolvidas em particular (Maschat, 1999, p. 5)

Esse ambiente aberto à colaboração, ao diálogo, à troca, à criação e à participação também se configura como um possível espaço acolhedor e seguro, no qual os alunos se sentem à vontade para compartilhar aspectos de suas vivências pessoais e cotidianas — medos, conquistas, aprendizados e dificuldades que atravessam suas vidas para além da música. Ao reconhecer e acolher essas expressões, a prática musical se torna não apenas uma atividade artística, mas um espaço de escuta, afeto e construção coletiva de sentido, fortalecendo vínculos e promovendo o desenvolvimento integral dos participantes.

## Música e Projetos Sociais

Nas últimas décadas, os projetos sociais têm atuado de forma cada vez mais ampla em contextos de vulnerabilidade social e econômica, buscando oferecer serviços e oportunidades básicas em locais onde o poder público não alcança de maneira eficaz. No campo musical, destacam-se algumas vertentes recorrentes: ensino de instrumentos, tradições culturais, práticas vocais e corais e educação musical (musicalização). Segundo Santos (2006, p. 1), “essas práticas musicais contemplam um número significativo de pessoas que, não tendo acesso ao ensino musical formal, encontram nesses projetos a possibilidade de conhecer, fazer e praticar música.”

Em todas essas frentes — sejam bandas e orquestras, corais comunitários ou grupos de música tradicional —, há inúmeros relatos sobre como a vivência artística se torna agente de transformação humana e social. No entanto, para além de reconhecer os impactos positivos da prática musical no desenvolvimento dos participan-



tes, é preciso cautela para não atribuir à música um papel redentor ou de “solução” para questões estruturais. Tal visão pode reforçar posturas colonizadoras e paternalistas, que partem do pressuposto de que os alunos precisam ser “salvos” de seus contextos e culturas, desconsiderando a complexidade das condições sociais e a necessidade de políticas públicas efetivas na garantia de direitos.

Dessa forma, é fundamental compreender a educação musical em projetos sociais como parte de um conjunto mais amplo de ações políticas, educacionais e culturais, que, mesmo com suas limitações, contribui de maneira autêntica para a construção de uma sociedade mais justa, plural e solidária. Como observa Araújo (2023), essa transformação só se torna possível por meio de uma rede de colaboração que envolva o poder público, a sociedade civil e os projetos culturais, atuando em corresponsabilidade para o fortalecimento das comunidades:

Do ponto de vista da ação social através da música, é fundamental buscar mecanismos de transformação aliados à esfera educativa. Alguns exemplos desses mecanismos incluem o atendimento psicossocial às famílias, a criação de oportunidades para o desenvolvimento econômico e a melhoria das condições de moradia (Araújo, 2023, p. 21).

Ao longo de anos de atuação em projetos sociais localizados em regiões de vulnerabilidade social da cidade de São Paulo, foi possível acompanhar o desenvolvimento de inúmeros alunos que, por meio da música e do trabalho socioeducativo realizado nesses espaços, vivenciaram processos genuínos de inclusão, expressão e crescimento pessoal. Esses jovens encontraram na prática musical um território de pertencimento e descoberta de potencialidades, reconhecendo-se capazes e, em muitos casos, escolhendo seguir o caminho da música como profissão. Tais projetos também se configuraram como pontes entre o passado e o presente,

oferecendo contato com saberes culturais e, simultaneamente, espaço para a criação, a experimentação e o diálogo com a contemporaneidade artística, conforme destaca Araújo (2023, p. 21):

É crucial compreender os aspectos de raça, gênero e etnia como elementos pedagógicos para criar práticas musicais inclusivas, que promovam o autoconhecimento das crianças em relação às suas culturas. Além disso, o ensino deve ampliar o conhecimento dos alunos dos projetos sociais sobre outras culturas, sociedades, organizações e músicas.

Nesse sentido, a educação musical pode assumir uma dimensão formativa que ultrapassa o domínio técnico, favorecendo processos de emancipação, diálogo intercultural e protagonismo social. Como observa Silva (2019, p. 45), “além de fazer transcender como seres humanos, a arte proporciona enriquecimento intelectual e reflexão” — algo especialmente fundamental em contextos de vulnerabilidade, nos quais não se busca apenas que os alunos “recebam” conteúdos musicais e artísticos, mas que desenvolvam autonomia para refletir, criar e agir criticamente.

Assim, a música torna-se uma ação de formação integral, na qual os participantes reconhecem-se como agentes de seu próprio desenvolvimento e atuam na transformação do meio em que vivem, fortalecendo laços comunitários e reafirmando suas identidades culturais.



## A abordagem Orff-Schulwerk em nosso contexto de Projetos Sociais

Dentro desse contexto, é possível perceber como a abordagem Orff-Schulwerk se conecta profundamente com o nosso trabalho realizado em projetos sociais. Essa consonância se dá pela concepção artístico-pedagógica da Música Elementar, base conceitual da abordagem, na qual os sujeitos não são meros espectadores ou reprodutores de músicas e atividades, mas participantes ativos e criadores do processo de aprendizagem. Essa perspectiva dialoga diretamente com Freire (1996, p. 47), ao afirmar que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Do mesmo modo, Cunha, Carvalho, Maschat (2015, p. 59) reforçam que a “troca de papéis, alicerçada na alternância entre conduzir e ser conduzido, aliada à partilha e à cooperação entre pares, promove um forte clima de envolvimento e socialização do ponto de vista psicopedagógico.”

Ao estimular a musicalidade de forma experiencial, a abordagem favorece o desenvolvimento criativo por meio da improvisação e da composição, permitindo que os alunos compreendam e vivenciem elementos musicais como ritmo, melodia e forma de maneira concreta e significativa. Nesse contexto, a criação musical não nasce da escrita formal, mas da escuta interna, da experimentação e do corpo em movimento. Como destaca Hermann Regner (2007, p. 4), “compor não é procurar papel, lápis e borracha e escrever notas. Primeiro temos que ter as notas no ouvido interno, sendo capazes de imaginar ritmos e diferenciar sons finos ou grossos, piano ou alto.” Essa perspectiva reforça a importância da escuta ativa e da relação sensível com o som, competências continuamente desenvolvidas na abordagem Orff-Schulwerk por meio da fala rítmica, da percussão corporal, do canto, do movimento, do uso dos instrumentos e da improvisação coletiva.

Outro ponto relevante diz respeito ao possível impacto da abordagem Orff-Schulwerk no desenvolvimento socioemocional, especialmente por colaborar no fortalecimento de habilidades essenciais como empatia, escuta ativa, cooperação e respeito mútuo. Ao tocar, cantar e dançar juntos, compartilhar ritmos e construir melodias coletivamente, as crianças aprendem a trabalhar em equipe, expressar suas ideias e ouvir o outro com atenção, desenvolvendo um profundo senso de pertencimento. Esse processo também pode auxiliar no fortalecimento da autoestima, pois cada participante reconhece que sua contribuição é indispensável para o resultado coletivo, estabelecendo vínculos afetivos — tanto interpessoais quanto com o próprio ambiente em que a experiência musical acontece, ao encontro do que destaca a Verena Maschat (1999, p. 5):

A integração das artes, dos diferentes meios de expressão, cria um vínculo entre o ser humano e seu ambiente. Na educação estética através da música e do movimento se globalizam múltiplos aspectos que, como vimos, vão desde o pessoal até o social, e que podem se relacionar com a totalidade das áreas da formação do indivíduo.

Nesse sentido, a abordagem Orff-Schulwerk se revela como um recurso potente para colaborar com o desenvolvimento integral do indivíduo e integrar-se a processos mais amplos de transformação social, em diálogo com outras frentes de trabalho comunitário e com o poder público. Muitos dos alunos recebidos por programas e projetos sociais vivem em contextos de vulnerabilidade, marcados por dificuldades econômicas, carência de estímulos e escassez de espaços de expressão. Por isso, encontrar e fortalecer ambientes em que a expressão criativa e a convivência coletiva sejam estimuladas torna-se essencial.

Dentro das prerrogativas da abordagem Orff-Schulwerk, é possível criar e fundamentar esses espaços, uma vez que ela se alicerça em princípios que valorizam o corpo,



o movimento, o jogo, a criação e a coletividade como caminhos para o aprendizado musical e humano, preconizando:

- **Inclusão e acessibilidade:** A abordagem permite e privilegia que todas as crianças, independentemente de suas experiências, participem ativamente dos processos pedagógico-musicais, promovendo um ambiente de aprendizado sem competição ou comparação.
- **Fortalecimento do senso comunitário:** A experiência de fazer música em grupo ajuda a construir laços entre os participantes, criando um espaço de acolhimento e pertencimento.
- **Promoção da cultura e identidade:** A abordagem valoriza a integração de elementos da cultura local, fortalecendo a identidade cultural das crianças e de suas comunidades.

Em um mundo em que as relações interpessoais estão cada vez mais mediadas por telas e marcadas pelo distanciamento, o ato de cantar, dançar e tocar juntos resgata a essência da convivência humana — o encontro, a escuta e a partilha. Nessa perspectiva, a experiência musical coletiva deixa de ser apenas um exercício artístico para se tornar um gesto de reconstrução comunitária, colocando as crianças e os adultos em um presente/futuro mais solidário, empático e conectado.

Se a música nos ajuda a conectar com nossos próprios ritmos, canções e sentimentos internos, e da mesma forma nos ajuda a conectar com nossos colegas músicos e com a comunidade que nos ouve, ela também pode nos colocar em contato com um mundo invisível (Goodkin, 1998, p. 10).

São intervenções e modos de atuação que, à primeira vista, podem parecer simples — cantar e ouvir juntos, dançar e expressar-se pelo movimento, sugerir



sonoridades, criar contextos e situações musicais. No entanto, essas ações fortalecem, simultaneamente, a coletividade e o sentimento de pertencimento, revelando o poder transformador do fazer musical partilhado.

## Um texto, muitas possibilidades: um exemplo prático partindo da música corporal

Pensando o corpo como nosso primeiro instrumento, reconhecemos nele múltiplas possibilidades de movimento, som e ritmo. Essa prática, acessível e democrática, dispensa instrumentos convencionais e valoriza o corpo como principal meio de expressão artística e musical, em consonância com princípios da abordagem Orff-Schulwerk. Em contextos de vulnerabilidade social, a percussão corporal torna-se potente, pois promove inclusão, pertencimento e desenvolvimento artístico a partir dos recursos que cada aluno e aluna já possuem, acolhendo e legitimando suas diferentes formas de expressão.



### Para ver e ouvir

No Brasil, o grupo “Barbatuques” vem há anos pesquisando e criando com a música corporal. Para aquecer o corpo e conhecer a proposta, ouça e assista a “Que som”, gravada pelo grupo no disco “Tum Pá”, criado especialmente para as crianças. Disponível no canal oficial do grupo no YouTube como título “Que Som?” – “Barbatuques/DVD ao Vivo”.

## Que Frio!

Inspirados pelas sensações térmicas que chegam ao nosso corpo — frio e calor —, propomos a exploração de um texto e, a partir dele, diferentes possibilidades de colaboração, participação e criação, de modo a vivenciá-lo musicalmente com alunos de diferentes idades. A proposta “Que Frio!” nasce da elaboração de uma sequência rítmica com percussão corporal e movimento, aberta a múltiplas variações. Seu objetivo é proporcionar momentos de experimentação auditiva, criação e exploração dos sons do corpo, desenvolvendo a percepção rítmica, o pulso e a noção espacial, ao mesmo tempo em que convida cada participante a se apropriar do movimento de forma pessoal e expressiva.

# 1

### Usamos como referência o texto falado abaixo:

Frio! Frio! Frio! Frio!

Tô com frio, tô com frio. Frio! Frio!

Tô com frio, tô com frio!

Põe a blusa pra esquentar!

Tô com muito frio! Tô com muito frio!

Tô com frio, tô com frio!

Tô com muito frio! Tô com muito frio!

Põe a blusa pra esquentar!

2

A partir do compartilhamento do texto falado, os participantes passam a marcar o pulso de acordo com os círculos da figura abaixo (Figura 1). Eles representam os pés direito e esquerdo caminhando para frente e para trás – movimento básico usado no método “O Passo”, de Lucas Ciavatta:

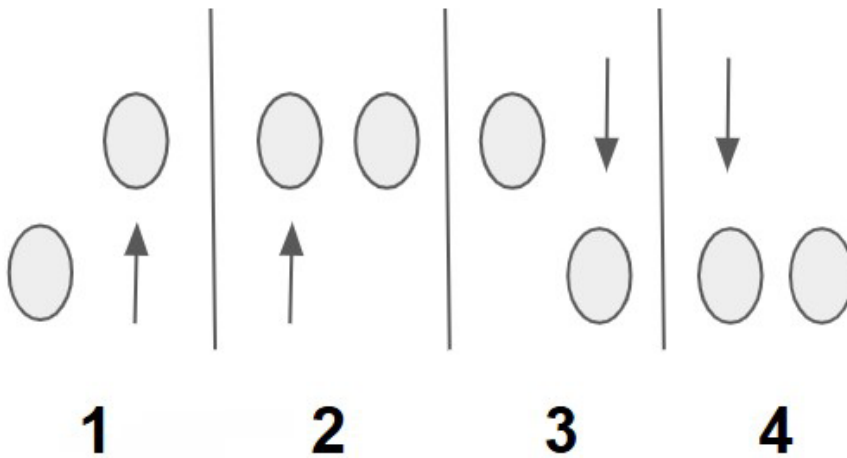


Figura 1: Movimento básico d'O Passo para marcar o pulso

Fonte: Sandra Kaetsu (2021).

3

Em seguida, adicionam frases com palmas sempre que falada a palavra “Frio”, e batidas alternadas na perna em todas as outras sílabas das palavras da frase (exceto “Frio”) – do ritmo da palavra ao ritmo da batida<sup>2</sup>;

4

Pode-se utilizar uma música de fundo como suporte para manutenção de fundo, a exemplo da composição “Forever” de Nigel Stanford;

5

Exercício à escuta: ouvir e transpor o texto falado para as frases rítmicas.

2. Como inspiração, é possível acessar esse referencial de frases com gestos/movimentos e percussão corporal clicando neste [link](#) ou a partir do TCC de Sandra Kaetsu (2021), indicado nas referências.



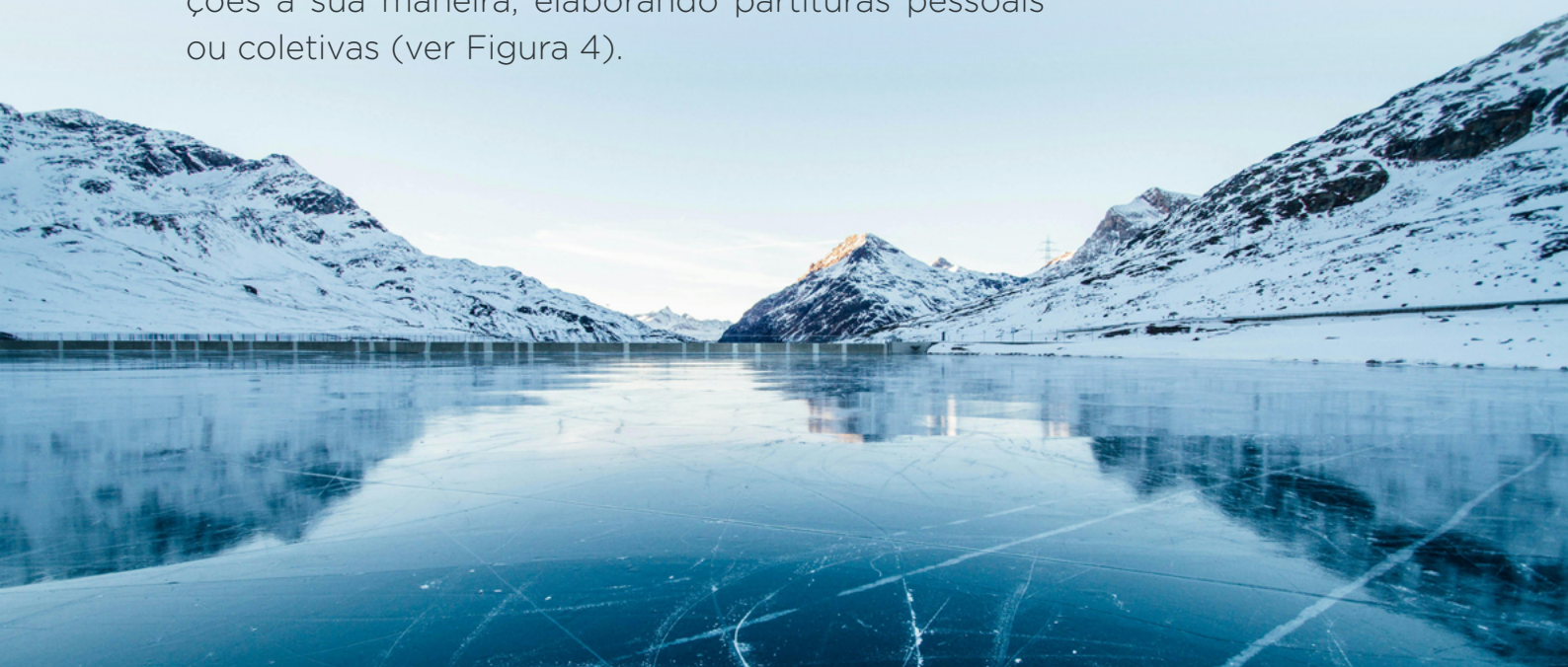
## Possíveis desdobramentos

**1**

Uso dos gestos/movimentos como veículo de regência: os alunos escolhem pequenos instrumentos de percussão para representar cada parte das frases rítmicas trabalhadas na primeira etapa da proposta. Em seguida, com o “regente” à frente do grupo, os gestos e movimentos passam a funcionar como sinais de condução: o regente indica, por meio do corpo, o momento em que cada aluno ou grupo deve tocar.

Proposição de escrita musical (partitura):

- a. Disponha quatro folhas em colunas (cada uma representando um dos quatro pulsos da composição). Com isso, escrever junto com os alunos as palavras nas folhas/tempos, conforme demonstrado na Figura 2. Essa organização auxilia na visualização da forma musical (A B A B C);
- b. Se o grupo já tiver familiaridade com a notação musical convencional, proponha um segundo momento: transcrever as palavras para a escrita musical tradicional, comparando as duas formas de registro (ver Figura 3);
- c. Os participantes são convidados a criar suas próprias sequências rítmicas, podendo registrar essas criações à sua maneira, elaborando partituras pessoais ou coletivas (ver Figura 4).





# Variações criativas e colaborativas

## Brincando e criando com as palavras

Dentro da abordagem Orff-Schulwerk, a criação e a colaboração emergem de pequenas intervenções dos alunos — uma palavra sugerida, um gesto corporal, a escolha de um instrumento ou uma nova forma de tocar. A partir dessas contribuições, os estudantes realizam seus primeiros improvisos, ora individuais, ora coletivos, ganhando gradualmente segurança e autonomia para criar, se expressar e dialogar artisticamente com o grupo. Pensando nas crianças pequenas, é possível retomar a primeira parte do texto “Que Frio!” e propor uma variação inspirada no texto abaixo, que favorece o brincar e o movimento como pontos de partida para a criação musical:

 Sequências rítmicas de “Que frio!”



FRIO! FRIO! FRIO! FRIO! TÔ COM FRIO, TÔ COM FRIO PÔE A BLU - SA PRA/ES-QUEN - TAR.

Figura 5 – Sequências rítmicas de “Que frio!” Fonte: Camila Ruiz (2025).

Ao recitar o texto rítmico, o(a) professor(a) pode convidar as crianças a associar sons corporais a cada palavra ou frase, transformando o texto em uma pequena partitura de gestos e timbres. Por exemplo:

- **Palmas para “Frio”;**
- **Mãos alternadas nas coxas para “Tô com”;**
- **Mãos esfregando os braços para “Põe a blusa pra esquentar”.**

Depois que o grupo tiver assimilado o texto e a sequência de gestos e percussão corporal, é possível estimular a criação de novas variações, mantendo a estrutura rítmica do original. Para isso, o(a) professor(a) pode apresentar figuras (a exemplo da Figura 6) que repre-

sentem ideias de “esquentar” — como sol, cobertor, sopa, café, casaco, fogueira — e convidar as crianças a inventar novos finais para o texto, substituindo palavras e criando coletivamente outras versões do texto rítmico, conforme exemplo abaixo:



**Põe a blusa  
pra esquentar;**



**Põe a luva  
pra esquentar;**



**Põe a touca  
pra esquentar;**

**Põe a meia  
pra esquentar;**



Figura 6: Imagens ilustrativas para cada item citado abaixo (blusa, luva, touca, meia)  
Fonte: IA generator (2025).

Em seguida, as crianças podem utilizar as imagens para criar suas próprias sequências, combinando-as ao texto falado e à percussão corporal correspondente. Assim, cada grupo compõe uma versão única do texto, articulando palavra, gesto e som. Em um terceiro momento, o(a) professor(a) pode ampliar o repertório de ideias, trazendo novas cartelas com sugestões que extrapolam a categoria “roupas”, convidando as crianças a explorar outras formas de “se aquecer”, como:



**Tomo sopa pra esquentar**



**Cobertor pra esquentar**

**Pulo alto pra esquentar**



Esses convites à sugestão de sons, palavras ou gestos dentro do texto rítmico já existente introduzem as crianças em um processo de colaboração ativa. A partir desse ponto, elas podem criar novas sequências, mo-

vimentos, encenações e formas musicais, ampliando o material original e desenvolvendo artisticamente o texto rítmico à sua própria maneira.



### Para ver e ouvir

Que Frio! – Realizado pelas turmas de musicalização do Instituto Baccarelli:



## Sensação e Criação

Seguimos o caminho da proposta em direção ao movimento, conduzidos pelo texto, pelo ritmo e pela percussão corporal — e agora também pelas texturas, pelos pesos, pelas temperaturas e pelas sensações que o frio desperta no corpo e na imaginação.

### Sensação

#### 1. Estimule o encontro do caminho:

- Convide o grupo a direcionar a atenção para o sentir das texturas que o cercam — o chão, o tecido das roupas, a pele, o ar que toca o corpo. Incentive-os a explorar pelo tato, percebendo as diferenças entre o frio e o calor, o áspero e o macio, o leve e o pesado. Em seguida, peça que descrevam essas sensações com palavras, transformando percepções físicas em linguagem.
- Essas palavras podem ser registradas coletivamente em uma folha grande ou na lousa, criando um vocabulário sensorial que servirá de inspiração para novas explorações sonoras e corporais.

## 2. Buscando adjetivos para diversas imagens ilustrando o tema “frio” (conforme Figura 7)

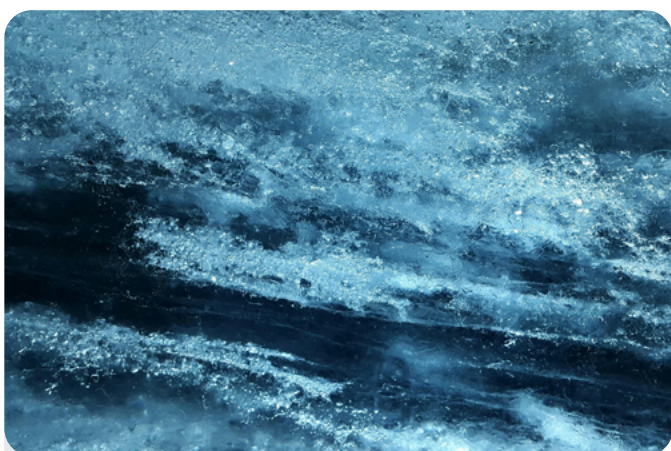
- Apresente imagens que despertem diferentes percepções: texturas, cores, cheiros, sabores, sensações e sentimentos. Convide o grupo a observar atentamente e nomear o que percebem, escrevendo adjetivos que descrevam as texturas e as sensações transmitidas pelas imagens — áspero, frio, leve, denso, suave, quente, vibrante, entre outros.
- Em seguida, proponha que experimentem essas palavras com o corpo, traduzindo cada adjetivo em movimento.



a. Julia Volk,



b. Nadezhda Moryak,



c. Pixabay,



d. Riciardus,

Figura 7 – Imagens ilustrativas de Texturas “Que frio!”

### 3. Bolas de neve, roda e texturas

- Retome o texto “Que Frio!” e forme uma roda com os alunos. Convide-os a passar as bolas de neve — que podem ser artificiais ou pompons de lã — seguindo o pulso do texto. O movimento deve ser contínuo, ritmado e atento à cadência das palavras;
- Em seguida, repita a experiência de olhos fechados, permitindo que explorem outras bolas ou objetos de formato semelhante, percebendo as diferenças de peso, textura e temperatura;
- Peça que se deixem guiar pelas sensações, permitindo que as reações corporais e emocionais aflorem naturalmente;
- Ao abrir os olhos, convide-os a reconhecer as texturas e deixar que as sensações se transformem em movimento — ora delicado, ora intenso —, criando uma dança orgânica entre o toque, o som e o corpo.

Nesse momento, as texturas, o vocabulário, as imagens e os objetos tornam-se convites à participação. As sensações despertadas e as palavras compartilhadas atuam como pontes que conduzem o grupo para dentro da proposta, favorecendo o engajamento coletivo. Assim, cada participante se envolve ativamente na experiência, contribuindo com sua percepção e expressão singular para a construção conjunta da atividade.

### Criação

Nesta parte da proposta, os participantes são organizados em quatro grupos, cada um responsável por explorar uma “ilha sensorial”: Gelado, Liso, Suave/Fofo e Áspero. Em cada ilha, há uma caixa de descobertas que guarda materiais e texturas diversas. O grupo é convidado a explorar as sensações que esses elementos despertam e a traduzir suas percepções em palavras,

imagens, movimentos e sons. Ao final, cada grupo cria o “mapa da ilha”, representando suas descobertas por meio de gestos, desenhos ou sonoridades. A partilha entre as ilhas transforma-se, então, em um “mapa do mundo” coletivo e sensível, onde a percepção do outro amplia o olhar e a escuta de todos.

## Missão “4 Ilhas” – Sensações que viram expressão

- **Descoberta dos materiais:**

Cada grupo recebe uma caixa sensorial e um papel grande com giz, lápis e canetinhas para registrar as descobertas;

- **Exploração tátil:**

Os participantes abrem suas caixas e sentem as texturas, repetindo o processo vivenciado nas atividades anteriores (como com as “bolas de neve”);

- **Nomeação e registro:**

Escrevem adjetivos que descrevem as texturas correspondentes à sua “ilha”;

- **Criação visual:**

Na mesma folha, ilustram as texturas criando o “mapa da ilha”;

- **Expressão corporal e sonora:**

Traduzem as sensações em movimentos e depois adicionam sons — podem ser palavras, ritmos, voz, corpo ou instrumentos;

- **Apresentação e escuta:**

Cada grupo apresenta sua criação, enquanto os demais observam e comentam o que percebem;

- **Mapa do mundo coletivo:**

Na sequência, os grupos apresentam novamente, e os colegas ilustram em outra folha o que estão vendo — criando juntos o “mapa do mundo”;

- **Partilha:**

Cada grupo mostra o seu mapa original e o mapa desenhado pelos outros, refletindo sobre as percepções, semelhanças e diferenças entre o que foi vivido e o que foi visto.

Nessa proposta, a criação ultrapassa o contexto exclusivamente sonoro, envolvendo o registro gráfico, o movimento, a construção de uma visão estética da experiência e a partilha. O processo torna-se, assim, uma composição artística em múltiplas linguagens, em que cada gesto, som, traço e palavra contribui para o todo coletivo: uma expressão viva da integração entre arte, corpo e imaginação.

As imagens, sons, objetos e movimentos tornam-se convites à criatividade, à participação e à colaboração dos alunos. Um ambiente acolhedor, seguro e confortável é essencial para que essas propostas ganhem vida e se transformem em experiências significativas. A cada novo grupo de professores e estudantes, novas sonoridades, sensações, imagens e movimentos podem emergir, ampliando as possibilidades artísticas e pedagógicas. Fica, portanto, o convite para que cada grupo explore, recrie e descubra seus próprios caminhos de expressão, deixando que a arte e a imaginação continuem em movimento.



## Considerações Finais

A abordagem Orff-Schulwerk, com sua ênfase na vivência coletiva, na criação artística e no respeito às expressões individuais e culturais, revela-se uma aproximação potente nos contextos dos projetos sociais de música. Ao valorizar o corpo, a escuta, a palavra e a experimentação sonora como princípios artístico-pedagógicos, ela inspira experiências que ultrapassam o ensino musical formal, promovendo inclusão, pertencimento e desenvolvimento humano integral, transformando a prática musical em um verdadeiro exercício de convivência, sensibilidade e criação compartilhada.

Nos diferentes exemplos e reflexões apresentados neste trabalho, é possível perceber como a prática musical, quando conduzida de forma sensível e integrada, torna-se um espaço de fortalecimento de vínculos, de expressão de identidades e de construção de comunidades mais empáticas e colaborativas. Em contextos marcados por desigualdades, a música — especialmente quando vivenciada por meio da abordagem Orff-Schulwerk — assume o papel de espaço de escuta, potência criadora e transformação, reafirmando sua força como caminho de humanização e encontro.

Que cada atividade, cada gesto e cada ritmo criado coletivamente continuem sendo um convite à imaginação, ao encontro e à esperança. Que, por meio da arte, sigamos construindo caminhos possíveis de criatividade, sensibilidade e beleza — para todos os grupos, comunidades e pessoas que acreditam na força transformadora da música.

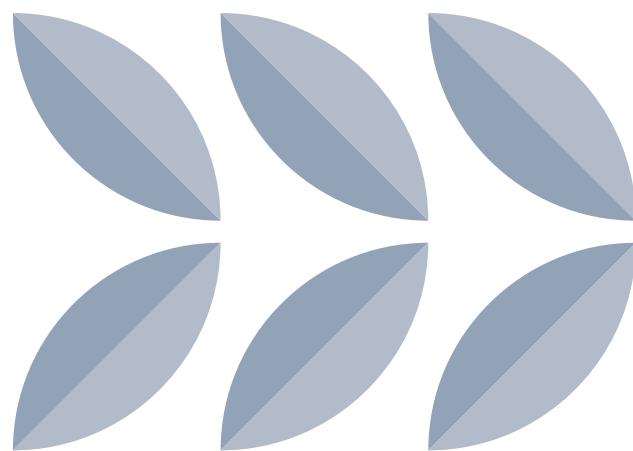


 **Autor(as)****Sandra Hiromi de Almeida Kaetsu**

hksandra@gmail.com

Bacharel e pós-graduada em Música, com certificação em dança. Foi professora de música no Projeto Guri Capital e Grande SP e regente Coral no Instituto Baccarelli, além de ter feito parte do MVGE Música Vocal Grupo de Estudos sob orientação do maestro Vitor Gabriel e da Orquestra do Corpo, grupo fundado por Fernando Barba e Stênio Mendes. Completou a Certificação Orff-Schulwerk no San Francisco International Orff Course e participou do New European Mentorship Programme in Orff Schulwerk. Foi membro da diretoria da ABRAORFF (Associação Orff Brasil - Música e Movimento na Educação) e atualmente é Professora Educadora de Movimento - Levels I, II & III da AOSA (American Orff Schulwerk Association). Tem ministrado palestras e workshops no Brasil e no exterior. Atua como professora de Música na Key School (USA) e é membro do Comitê de Dança e Movimento do IOSFS (International Orff-Schulwerk Forum Salzburg).

<http://lattes.cnpq.br/5389980833138561>





## **Camila Ruiz de Paula**

cruizdepaula@gmail.com

É Licenciada em música pela FAAM/FMU, especialista em educação musical pela Faculdade Cantareira/ SP e foi bolsista no San Francisco International Orff Course, em 2018 e 2019 (Levels I & II), em São Francisco/EUA. Participou do curso First Steps in Music, na Universidade de Hartford/ EUA, do International Summer Course-Orff-Institut em Salzburgo, na Áustria e dos Cursos de Verão e oficinas da ABRAORFF. Durante os últimos anos ministrou oficinas para crianças e professores em escolas e SESC's; atuou na produção de ensaios do Granfinale - Festival Nacional de Corais Infantis e Jovens; foi musicista dos espetáculos "Aventura de Parir, Aventura de Nascer", "Pássaro com Cabeça de Mulher" e "Urucum - As Árvores Não Têm Culpa". Atualmente é integrante da diretoria da ABRAORFF (Associação Orff Brasil - Música e Movimento na Educação), coordenadora do Espaço Cultural de Artes, orientadora pedagógica dos professores de música dos CEUs geridos pelo Instituto Baccarelli e professora de escolas de música para bebês, crianças e adolescentes.

<http://lattes.cnpq.br/5853551400301734>

**Diego Lourenço Barros de Souza**

diego.l4860@yahoo.com.br

Licenciado em Música pela FMU-FIAM/FAAM, com especializações em Prática e Ensino do Piano no Século XXI (UniFAHE, 2022) e Arte na Educação: Teoria e Prática (ECA-USP, 2024). Certificado na abordagem Orff-Schulwerk pelo The San Francisco International Orff Course e com formações complementares no Orff Institut (Áustria) e em Madri. Atua como educador musical na primeira infância em escolas e projetos sociais, pesquisando a relação entre música, movimento, infância e criatividade. É membro da diretoria da ABRA-ORFF (Associação Orff Brasil - Música e Movimento na Educação), colaborando em ações de formação docente e difusão da abordagem no país.

<http://lattes.cnpq.br/9205492948880367>



## Referências

ARAÚJO, Andersonn Henrique Simões de. O poder da música em projetos sociais: resíduos da colonização e a reconstrução de um presente possível. *REVISTA DA ABEM*, [S. l.], v. 32, n. 2, p. e32202, 2024. DOI: 10.33054/ABEM202432202. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1235>. Acesso em: 14 set. 2025.

CUNHA, João; CARVALHO, Sara; MASCHAT, Verena. *Abordagem Orff-Schulwerk: História, Filosofia e Princípios Pedagógicos*. Aveiro: UA Editora, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOODKIN, Doug. ¿Nos hace la música más inteligentes? *Orff España*, Madrid, Volume 1, páginas 6 a 11. Janeiro de 1999.

KAETSU, Sandra Hiromi de Almeida. *Ritmo e Movimento: trabalho rítmico-corporal desenvolvido com classes de atividades musicais no Programa Guri Santa Marcelina. Trabalho de conclusão de curso – Pós-graduação, Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, 2021.*

MASCHAT, Verena. *Las ideas pedagógicas en el Orff-Schulwerk*. *Orff España*, Madrid, Volume 1, páginas 4 e 5. Janeiro de 1999.

REGNER, Hermann (2007). *Buscar – Encontrar – Inventar*. *Orff España*, 10, pp. 3-6.

SANTOS, Carla Pereira dos. *Projetos Sociais em Educação Musical: uma perspectiva para o ensino e aprendizagem da música*. In: XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), 2006, Brasília.

SILVA, Fabiana Aparecida da. *A arte através da música na vida de crianças e adolescentes, filhos(as) de (i)migrantes*. 2019. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Pontifícia Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

